

UPGRADE

BLAKE

CROUCH

AUTOR BEST-SELLER DE RECURSÃO E MATÉRIA ESCURA

UPGRADE

BLAKE CROUCH

TRADUÇÃO DE ULISSES TEIXEIRA



Copyright © 2022 by Blake Crouch

TÍTULO ORIGINAL

Upgrade

PREPARAÇÃO

Júlia Ribeiro

REVISÃO

Iuri Pavan

REVISÃO TÉCNICA

Lucia Barzilai

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Christopher Brand

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Lázaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C958u

Crouch, Blake, 1978-
Upgrade / Blake Crouch ; tradução Ulisses Teixeira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.
304 p. ; 23 cm.

Tradução de: Upgrade
ISBN 978-65-5560-633-1

1. Ficção americana. 2. Ficção científica americana. I. Teixeira, Ulisses. II. Título.

23-84618

CDD: 813

CDU: 82-311.9(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

1ª edição AGOSTO DE 2023

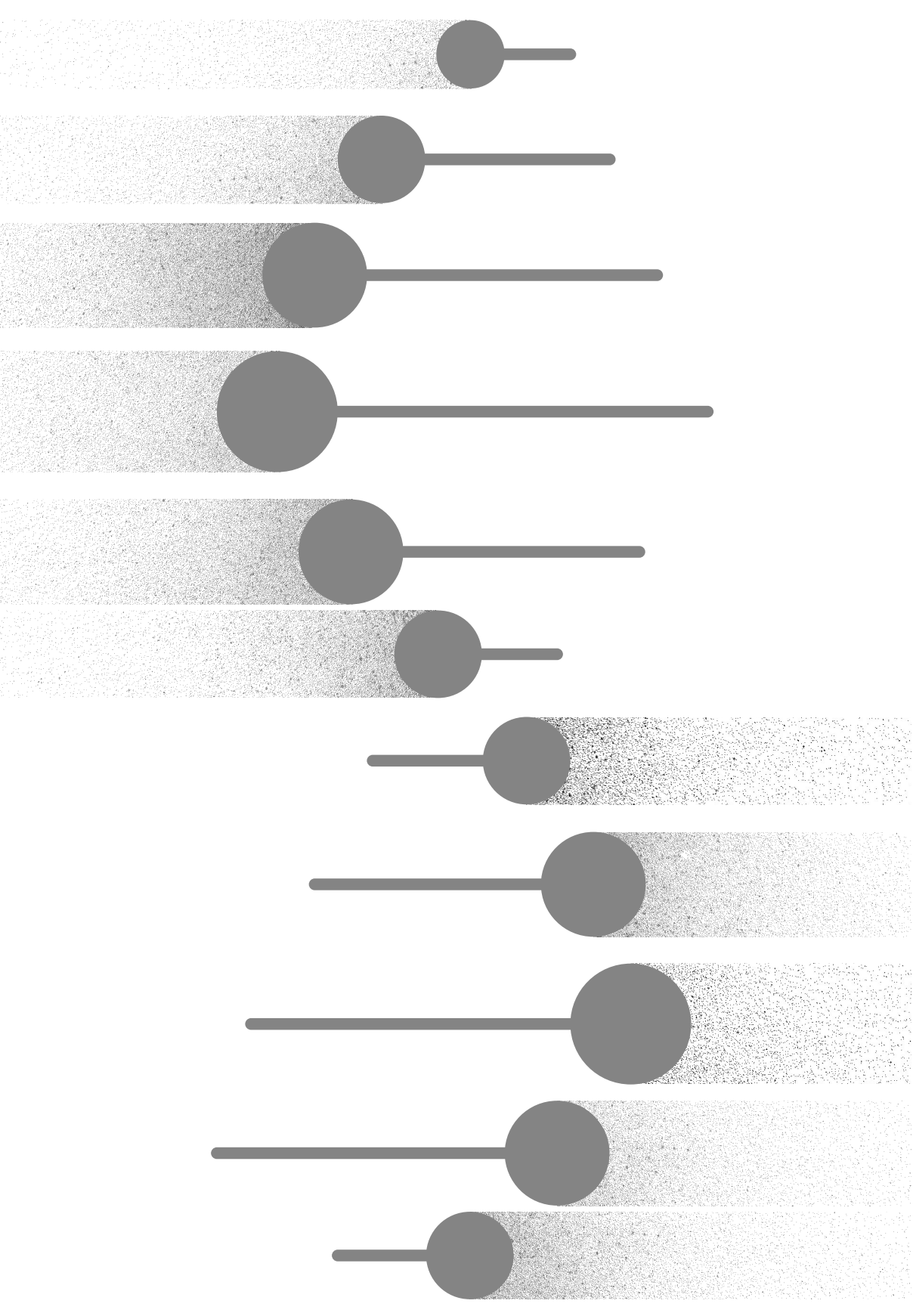
impressão GEOGRÁFICA

papel de miolo PÓLEN NATURAL 70G/M²

papel de capa CARTÃO SUPREMO ALTA ALVURA 250G/M²

tipografia ADOBE CASLON

Para Michael McLachlan
Fuzileiro naval, advogado, amigo querido
(1946-2021)



PARTE UM

Você pode parar de dividir o átomo, pode parar de ir à Lua, pode parar de usar aerossóis, pode até decidir não matar populações inteiras com o uso de algumas poucas bombas. Mas você não pode impedir uma nova forma de vida.

— ERWIN CHARGAFF



Encontramos Henrik Soren em um bar de vinhos no terminal internacional, a trinta minutos de embarcar em um hiperjato para Tóquio.

Antes daquela noite, eu só o tinha visto em fotografias da Interpol e em imagens de circuitos internos de televisão. Em carne e osso, ele não impressionava tanto — um metro e setenta, tênis Saint Laurent envelhecidos artificialmente e um moletom com capuz de marca cobrindo a maior parte do rosto. Ele estava sentado à extremidade do balcão com uma garrafa de Krug.

Ocupei a banquetta ao lado e coloquei o meu distintivo entre nós. Nele havia a insígnia da águia-careca, as asas envolvendo a dupla-hélice da molécula de DNA. Por um longo tempo, nada aconteceu. Eu nem tinha certeza se ele tinha percebido o emblema reluzindo sob os globos de luzes no teto, mas então Soren se virou para mim.

Abri um sorriso.

Ele fechou o livro. Se estava nervoso, não demonstrava. Só me encarou com aqueles olhos azuis escandinavos.

— Oi, Henrik — falei. — Sou o agente Ramsay. Trabalho na APG.

— E o que será que eu fiz?

Ele tinha nascido há trinta e três anos em Oslo, mas estudara em Londres, onde a mãe trabalhava como diplomata. Dava para ouvir aquela cidade nos recantos de sua voz.

— Que tal conversarmos sobre isso em outro lugar?

O bartender estava de olho na gente depois de ter notado o meu distintivo. Provavelmente com medo de a conta não ser paga.

— Estou prestes a embarcar no meu voo — avisou Soren.

— Você não vai para Tóquio. Hoje não.

Os músculos da mandíbula dele enrijeceram, e algo brilhou nos seus olhos. Soren colocou o cabelo louro, que batia na altura do queixo, atrás das

orelhas e deu uma olhada ao redor do bar de vinhos, e então olhou mais além, para as pessoas que passavam no saguão.

— Está vendo a mulher sentada no mezanino atrás da gente? — perguntei.
— Cabelo louro comprido. Casaco azul-marinho. É a minha parceira, a agente Nettmann. A polícia do aeroporto está esperando. Então, posso arrastar você para fora daqui ou podemos sair andando sem pressa do bar. A decisão é sua, mas tem que ser agora.

Tinha quase certeza de que ele não ia correr. Soren devia saber que era impossível escapar de um aeroporto cheio de seguranças e câmeras. Mas pessoas desesperadas tomam atitudes desesperadas.

Ele deu outra olhada no entorno, depois voltou a me encarar. Suspirando, virou a taça de champagne e pegou a bolsa do chão.

Voltamos para a cidade com Nadine Nettmann dirigindo o Edison, feito sob encomenda, pela estrada I-70, praticamente vazia àquela hora da noite.

Soren foi colocado atrás do banco do passageiro com uma abraçadeira de plástico prendendo os pulsos às costas. Dei uma conferida na bagagem dele — uma bolsa-carteiro da Gucci —, mas o único item de interesse era um laptop, e precisávamos de um mandado federal para invadi-lo.

— Você é Logan Ramsay, não é? — perguntou ele, as primeiras palavras ditas desde que o escoltamos para fora do aeroporto.

— Isso mesmo.

— Filho de Miriam Ramsay?

— Sim. — Tentei manter o tom de voz neutro.

Não era a primeira vez que um suspeito fazia essa conexão. Ele não disse mais nada. Senti Nadine me observando.

Olhei pela janela. Estávamos nos limites da cidade, a aproximadamente duzentos quilômetros por hora. O motor elétrico duplo quase não fazia barulho. Pelo vidro escuro do carro, vi um dos novos cartazes da APG — parte da última campanha de conscientização da agência.

Letras pretas sobre um fundo branco diziam:

EDIÇÃO GENÉTICA É CRIME FEDERAL

#APG

O centro de Denver pairava à distância.
O gigantesco arranha-céu Meia-Milha subia aos céus como uma seta de luz.
Era uma da manhã ali, o que significava que já eram três horas em Washington.

Pensei na minha família dormindo em paz na nossa casa em Arlington.

Na minha esposa, Beth.

Na nossa filha adolescente, Ava.

Se tudo corresse bem, eu estaria de volta a tempo do jantar do dia seguinte. Tínhamos planejado uma viagem de fim de semana até o vale do Shenandoah para vermos as cores do outono pela estrada Skyline Drive.

Passamos por outro cartaz:

**UM ERRO CAUSOU
A GRANDE FOME
#APG #NUNCAESQUECEREMOS**

Já tinha visto aquele antes, e a dor me atingiu — um incômodo no fundo da garganta. A culpa pelo que tínhamos feito sempre batia.

Não neguei a dor nem tentei afastá-la.

Apenas a senti até ela passar.

O escritório de Denver da Agência de Proteção Genética ficava em um prédio comercial normal em Lakewood. Chamá-lo de repartição local seria generoso.

O lugar ocupava um andar do prédio com uma pequena área administrativa, uma sala de interrogatório, um laboratório de biologia molecular e uma armaria. A APG não tinha repartições locais na maioria das cidades grandes, mas, como Denver era o eixo principal de hiperloops do Oeste, fazia sentido ter uma base de operações ali.

Éramos uma agência nova, mas que crescia rapidamente, com quinhentos funcionários, em comparação com os quarenta mil do FBI. Havia apenas cinquenta agentes especiais como eu e Nadine, todos na área da capital, Washington, prontos para cair de paraquedas em qualquer lugar onde a Divisão de Inteligência suspeitasse existir um laboratório genético clandestino.

Nadine dirigiu até a parte de trás do prédio baixo e foi da entrada de serviço até os elevadores. Ela estacionou atrás de um veículo de combate blindado. Quatro agentes da bio-SWAT haviam espalhado seus equipamentos pelo concreto, fazendo as últimas verificações nas armas para realizar uma batida antes do amanhecer, baseada nas informações que estávamos prestes a arrancar de Soren.

Ajudei o nosso suspeito a sair do carro, e nós três subimos até o terceiro andar.

Dentro da sala de interrogatório, cortei a abraçadeira e guiei Soren até uma mesa de metal com uma argola soldada na superfície para os suspeitos menos cooperativos.

Nadine foi pegar café.

Eu me sentei diante dele.

— Você não deveria ler os meus direitos ou coisa assim? — perguntou Soren.

— De acordo com o Ato de Proteção Genética, podemos mantê-lo aqui por setenta e duas horas, se quisermos.

— Fascistas.

Dei de ombros. Ele não estava de todo errado.

Coloquei o livro de Soren em cima da mesa, esperando uma reação dele.

— É fã de Camus? — perguntei.

— Sou. Coleciono edições raras das obras dele.

Era uma edição antiga em capa dura de *O estrangeiro*. Folheei as páginas com cuidado.

— Estão limpas — disse Soren.

Eu estava procurando por páginas rígidas, evidências de que tivessem sido molhadas em algum momento, manchas circulares infinitesimais. Quantidades enormes de DNA, ou plasmídeos, podem ficar escondidas nas páginas de um livro normal — lançadas por micropipetas e deixadas para secar nas folhas, para depois serem reidratadas e usadas em outro local. Mesmo uma obra curta como *O estrangeiro* poderia conter uma quantidade quase infinita de informação genética, cada página poderia esconder o genoma de um mamífero diferente, uma doença terrível ou uma espécie sintética, e qualquer uma delas poderia ser ativada em um laboratório genético clandestino bem equipado.

— Vamos analisar todas as páginas embaixo da luz negra — falei.

— Ótimo.

— Estão trazendo a sua mala também. Você compreende, claro, que faremos uma revista minuciosa nela.

— Fiquem à vontade.

— Porque você já fez a entrega?

Soren não respondeu.

— O que era? — perguntei. — Embriões modificados?

Ele olhou para mim com um desgosto maldisfarçado.

— Você faz ideia de quantos voos já perdi por causa de noites assim? Um agente aparecendo no meu portão de embarque e me levando para ser interrogado? Já aconteceu com a Autoridade de Segurança Genômica Europeia. Na França. No Brasil. Dessa vez, vocês são os idiotas que estão acabando com a minha viagem. Apesar de toda essa perseguição, nunca fui acusado de nenhum crime.

— Não é verdade — rebati. — Até onde sei, o governo chinês gostaria muito de trocar uma palavrinha com você.

Soren ficou completamente imóvel.

A porta atrás de mim se abriu. Senti o cheiro acre e queimado de café feito no dia anterior. Nadine entrou, fechando a porta com o pé. Sentou-se ao meu lado e colocou dois copos de café na mesa. Soren se esticou para pegar um, mas ela deu um tapa na mão dele.

— Isso é só para meninos bonzinhos.

O líquido preto tinha um aroma tão apetitoso quanto o mijo de Satanás, mas já era tarde e eu ainda demoraria a dormir. Tomei um gole e estremei.

— Vamos direto ao assunto — falei. — Sabemos que você chegou na cidade ontem dirigindo um Lexus Z classe SUV alugado.

Soren inclinou a cabeça involuntariamente, mas manteve a boca fechada.

Respondi à pergunta que não havia sido feita:

— A APG tem acesso total à inteligência artificial de reconhecimento facial do Departamento de Justiça. Ela analisa todos os circuitos internos de televisão e outros bancos de dados de vigilância. Ontem uma câmera filmou a sua cara através do para-brisa do Lexus enquanto saía da I-25 para entrar na Alameda Avenue às 9h17. Recebemos essa informação de Washington hoje à tarde. De onde você estava vindo?

— Com certeza vocês já sabem que aluguei o carro em Albuquerque.

Ele tinha razão. Nós sabíamos.

— E o que estava fazendo em Albuquerque? — perguntou Nadine.

— Só passeando.

Ela revirou os olhos.

— Ninguém “passeia” em Albuquerque.

Tirei uma caneta e um bloco de papel do bolso, colocando-os na mesa.

— Escreva o nome e o endereço de todo mundo que você encontrou. E de todos os lugares em que ficou.

Soren sorriu.

— O que você veio fazer em Denver, Henrik? — questionou Nadine.

— Pegar um voo para Tóquio. *Tentei* pegar um voo para Tóquio.

— Ouvimos boatos de um laboratório genético aqui em Denver. Uma operação sofisticada para criar um biocódigo de resgate. Não acho que é coincidência você estar na cidade — falei.

— Não sei nada sobre isso.

— Nós sabemos, *todo mundo* sabe, que você é traficante de elementos genéticos de ponta. Redes de interação gênica e sequências. Foice — comentou Nadine.

Foice era o revolucionário sistema de alteração de DNA biológico — atualmente extremamente ilegal — descoberto e patenteado pela minha mãe, Miriam Ramsay. Foi um avanço meteórico, que deixou as gerações de tecnologias anteriores (ZFNs, TALENs, CRISPR-Cas9) comendo poeira. O Foice deu início a uma nova era de edição e fornecimento de genomas, e os resultados foram catastróficos. Por esse motivo, ser pego usando ou vendendo o Foice para modificar linhagens germinativas — ou seja, criar um novo organismo — tinha uma pena de trinta anos de prisão.

— Quero ligar para o meu advogado agora — pediu Soren. — Ainda tenho esse direito nos Estados Unidos, não tenho?

Estávamos esperando por isso. Na verdade, fiquei surpreso pelo pedido ter demorado tanto.

— É claro que você pode ligar para o seu advogado — respondi. — Mas, antes, é melhor saber o que vai acontecer se escolher seguir por esse caminho.

— Estamos dispostos a entregar você para o Departamento Genético da China — contou Nadine.

— Os Estados Unidos não têm acordo de extradição com a China — argumentou Soren.

Nadine se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos na mesa, o café soltando vapor no rosto dela, e disse:

— No seu caso, vamos abrir uma exceção. Os documentos estão sendo preparados agora mesmo.

— Eles não têm nada contra mim.

— Não acho que provas e processo legal significam a mesma coisa lá e aqui — rebateu ela.

— Vocês sabem que tenho cidadania norte-americana e norueguesa.

— Eu não me importo — falei. Depois, olhei para Nadine: — Você se importa?

Ela fingiu pensar por um instante.

— Não. Acho que não.

Na verdade, eu me importava. Nunca faríamos a extradição de um cidadão norte-americano para a China, mas blefar fazia parte do trabalho.

Soren voltou a relaxar na cadeira.

— Podemos ter uma conversa hipotética?

— Nós adoramos conversas hipotéticas — falei.

— E se eu anotasse um endereço nesse bloco de papel?

— Endereço de quem?

— De um lugar que talvez tenha recebido uma entrega hipotética hoje mais cedo.

— O que foi entregue? Hipoteticamente falando.

— Bactérias mineradoras.

Nadine e eu trocamos um olhar.

— Você fez a entrega no próprio laboratório? Não foi em um lugar aleatório? — perguntei.

— Eu não fiz entrega nenhuma — respondeu Soren. — É tudo hipotético.

— Claro.

— Mas, se tivesse feito e compartilhasse o endereço com vocês, o que aconteceria?

— Depende do que hipoteticamente vamos encontrar no endereço.

— Se, hipoteticamente, vocês encontrassem o laboratório genético de que ouviram falar, o que aconteceria comigo?

— Você estaria no próximo voo para Tóquio — respondeu Nadine.

— E o Departamento Genético da China?

— Como você mesmo apontou — falei —, não temos acordo de extradição com a China.

Soren puxou a caneta e o bloco de papel.

Seguimos o veículo de tecnologia furtiva da SWAT em modo blecaute pelas ruas desertas. O endereço que Soren anotara ficava no limite de Five Points, um bairro gentrificado de Denver. Àquela hora da madrugada, a única coisa aberta na região eram alguns poucos bares de maconha.

Abaixei os vidros do carro.

O ar de outubro soprando no meu rosto era mais revigorante do que o café que tomamos no escritório.

Era o final de outono nas Montanhas Rochosas.

O ar tinha cheiro de folhas mortas e frutas que passaram do ponto.

A lua cheia, amarela e enorme, pairava acima da silhueta pontiaguda da cordilheira Front Range.

Deveria haver neve nos picos àquela altura, mas estava tudo seco, e a rocha abaixo das árvores estava iluminada pelo luar.

Mais uma vez fui acometido pela percepção de que vivia em tempos estranhos. Havia uma sensação palpável de que as coisas estavam em declínio.

Só na África tinha quatro bilhões de pessoas, a maioria em insegurança alimentar ou situação ainda pior. Mesmo nos Estados Unidos, ainda éramos prejudicados por escassez de comida, de produtos e de mão de obra. Com o preço da carne tão alto, a maioria dos restaurantes que fecharam durante a Grande Fome nunca reabriu.

Vivíamos em um verdadeiro estado de vigilância em massa. Falávamos mais com telas do que com os nossos entes queridos, e os algoritmos nos conheciam melhor do que nós mesmos.

A cada ano, mais vagas de trabalho eram perdidas para a automação e a inteligência artificial.

Partes de Nova York e Miami estavam debaixo d'água, e uma ilha de plástico do tamanho da Islândia flutuava no oceano Índico.

Mas isso não afetava apenas os seres humanos. Rinocerontes-brancos-do-norte ou tigres-do-sul-da-China não existiam mais. Os lobos-vermelhos tinham desaparecido, assim como incontáveis outras espécies.

Não havia mais geleiras no Parque Nacional Glacier.

Fizemos tantas coisas certas.

Mas muitas coisas erradas também.

O futuro chegara, e era um desastre.

— Tudo bem? — perguntou Nadine.

— Sim.

— Posso encostar se estiver...

— Ainda não.

Nadine e eu trabalhávamos juntos há quase três anos. Ela tinha sido cientista ambiental da Unesco antes de entrar na APG.

Peguei o celular e abri as minhas mensagens de texto com Beth. Digitei:

Oi, Beth. Seguindo para a batida. Só queria dizer que te amo. Dê um abraço em Ava por mim, um abraço apertado. Te ligo de manhã.

Assim que apertei o botão de enviar, o rádio chiou.

— *Três minutos* — avisou o oficial Hart, o líder da equipe da SWAT.

Senti algo revirando as minhas entranhas. O impulso inicial de adrenalina começava a preparar o meu corpo para o que estava por vir.

Algumas pessoas tinham sido feitas para esse tipo de coisa. Indivíduos que prosperariam com a adrenalina de invadir um galpão usando uma armadura de proteção biológica no meio da noite, sem ter ideia da confusão em que estavam se metendo.

Eu não era assim. Era um cientista. Ou, pelo menos, já sonhara em ser um.

— Encoste — pedi.

Nadine guiou o Edison bruscamente para o meio-fio, o sistema automático resistindo e reclamando.

Subi a porta, me inclinei e coloquei tudo para fora.

A voz de Hart surgiu no rádio de novo.

— *Tudo bem aí atrás? Perdemos vocês de vista.*

— Tudo certo — respondeu Nadine. — Já estamos indo.

Limpei a boca, cuspi algumas vezes e abaixei a porta.

Nadine não fez nenhum comentário. Não precisava. Meu vômito de nervosismo era a coisa mais próxima que tínhamos de um ritual pré-batida.

Significava que podíamos começar o trabalho.

Ela ativou o acelerador.

Avistamos a parte de trás do veículo da SWAT e nos aproximamos.

Por mais que odiasse fazer batidas, eu sempre lembrava a mim mesmo que o medo era parte necessária da minha penitência.

Quase todos os cientistas ilegais que perseguíamos eram criminosos, simples assim. Com a demanda do mercado clandestino por produtos biosin crescendo de forma exponencial a cada ano, havia muito dinheiro a ser fatuado — em ultra-animais de estimação criados sob demanda, roupas de seda de aranha, alimentos geneticamente modificados exóticos, até mesmo uma nova forma de vida inventada em um laboratório de Vancouver que parecia um gorila cor-de-rosa minúsculo, uma espécie de símbolo de riqueza entre oligarcas russos.

Os serviços e produtos do mercado clandestino também tinham sido aprimorados.

Cannabis e heroína modificadas.

Bonecas sexuais com pele e músculos humanos sintéticos.

Um laboratório genético clandestino na Cidade do México invadido pelos *federales* estava fazendo “vespas assassinas” para os cartéis. Esses insetos podiam encontrar qualquer pessoa com base na sua impressão genética. Também carregavam um sistema primitivo do Foice capaz de modificar redes gênicas inteiras, levando a danos cerebrais, insanidade e morte excruciante.

Para outros, mexer com a genética era só uma maneira de se autoafirmar, como no caso dos quatro estudantes de biologia da Universidade Brown, que simplesmente queriam ver se conseguiam criar um lobo-gigante.

No entanto, para alguns poucos escolhidos, a empreitada era bastante pessoal — como o solitário mas genial adolescente de dezesseis anos que tentou criar uma bactéria devoradora de carne que fosse resistente a antibióticos para infectar um bully na escola.

Ou o geneticista rebelde que prendemos ao tentar clonar uma versão melhorada da sua esposa morta usando zigotos humanos enucleados do mercado clandestino.

Os pais desesperados, sem plano de saúde, que tentaram editar a distrofia muscular do DNA do filho. Eles conseguiram curá-lo, mas as mutações criadas involuntariamente mudaram a rede neural do lobo frontal medial do menino. O garoto se tornou psicótico e matou os dois antes de tirar a própria vida.

E havia os laboratórios dos meus pesadelos, onde organizações terroristas concebiam patógenos e formas de vida de destruição em massa, como um

grupo em Paris que estava prestes a liberar um parente sintetizado da ultravariola quando a Autoridade de Segurança Genômica Europeia lançou uma arma termobárica no depósito deles.

Acabar com esse tipo de operação nunca perturbou a minha consciência.

As que doíam eram as batidas em cientistas de verdade. Pessoas com trabalhos revolucionários, úteis para toda a humanidade, antes de os governos entrarem em pânico e tornarem praticamente impossível alguém se tornar engenheiro genético.

Pessoas como Anthony Romero.

Eu ainda pensava nele de vez em quando. O homem tinha montado um laboratório no Parque Nacional de Bighorn, perto de Sheridan, Wyoming.

Antes do Ato de Proteção Genética ter dado fim a todas as pesquisas de genoma em universidades e empresas, dr. Romero fora pioneiro nas terapias genéticas para o tratamento de câncer. Seu nome estava sendo cotado para o Nobel de fisiologia ou medicina. Mas o editorial que escrevera no *The New York Times* condenando o Ato de Proteção Genética pela sua extraordinária falta de limites acabou com qualquer chance de ser incluído na lista de geneticistas aprovados pelo governo.

Fizemos a prisão do dr. Romero, que se entregou sem resistência, às 2h30, enquanto uma neve rala caía sobre os pinheiros do lado de fora do seu chalé. Eu me senti enjoado quando o algemei e o coloquei no carro. Não estava apenas prendendo um herói — um homem cuja vida e carreira eu almejava e invejava —, mas também o condenando à prisão perpétua, porque tinha certeza de que a punição do nosso Departamento de Justiça seria a máxima.

No entanto, ele tinha cometido um crime. Não tinha?

Quando entregamos dr. Romero aos oficiais de justiça no aeroporto do Condado de Sheridan, ele olhou para mim e disse uma coisa que jamais vou esquecer.

— Sei que está tentando fazer a coisa certa, mas é impossível esconder esse conhecimento.

Observar os oficiais o levarem para o jato enquanto a neve caía e derretia na pista fez com que eu me sentisse pequeno.

Como se tivesse traído o futuro.

O veículo da SWAT parou em um beco, e Nadine estacionou atrás deles.

Dei uma olhada ao redor através do vidro cinza-esverdeado, esperando ver os prédios de um complexo industrial. Em vez disso, do outro lado do beco havia cercas tombadas e garagens que davam em casas vitorianas, os telhados angulosos contrastando com o céu estrelado.

— Essa área é residencial — comentei.

— Estranho, né?

Já tínhamos feito batidas em laboratórios escondidos em porões ou garagens. A tecnologia, na sua concepção mais primordial, era simples. Porém, para uma operação com a escala e complexidade que eu esperava àquela noite — uma operação que tinha feito negócios com *Henrik Soren* —, eu teria apostado um bom dinheiro que invadiríamos um armazém. Não uma casa vitoriana em um bairro residencial.

Troquei o transmissor de rádio do equipamento de comunicação no console central para os fones de ouvido.

— Aqui é Logan. Tem certeza de que estamos no endereço certo?

— *Foi o que o seu informante escreveu.*

Na maioria das vezes, os caras da SWAT eram uns babacas.

— Qual casa?

— *A com a cúpula. Vamos enviar o drone agora. Aguarde.*

Pelo vidro, pude ver os quatro agentes da SWAT do lado de fora do veículo, um deles preparando o drone termográfico. Ele sobrevoaria a área ao redor do alvo, tentando identificar assinaturas de calor para que pudéssemos ter uma ideia de quantas formas de vida havia lá dentro.

A SWAT assumiria a dianteira, e Nadine e eu seguiríamos logo atrás. Assim que o laboratório estivesse razoavelmente seguro, eles ficariam a postos para que pudéssemos trabalhar — listando os equipamentos e averiguando exatamente o que os cientistas rebeldes planejavam.

Apertei as faixas magnéticas da minha armadura indutora e peguei a arma na bolsa. Era uma G47 calibre .45. Eu tinha modificado o cabo para adicionar uma lanterna Streamlight na composição da Glock após diversas batidas em armazéns com pouca iluminação.

Enquanto isso, Nadine colocava o carregador na sua arma — um fuzil de assalto Atchisson. Eu gostava de sacaneá-la por levar uma coisa daquelas para uma batida quando, em geral, tínhamos apoio da SWAT, mas dava

para entender o motivo dela. Nadine passou por uma situação complicada em Spokane, no estado de Washington, antes de começarmos a trabalhar juntos. Tinha descarregado o pente inteiro de balas de calibre .40 em um cientista que fizera um pouco de autoterapia genética nas sínteses de SKI, PGC-1 α e IGF-1. Como resultado, os tecidos musculares esqueléticos do suspeito foram submetidos a um enorme ciclo de hipertrofia, assim como sua mitocôndria, tornando-os gigantescos e superdensos. O homem, que Nadine dizia ter uma aparência semelhante ao Rei do Crime, o personagem dos quadrinhos, quase a espancara até a morte antes de enfim falecer por perda sanguínea.

Porém, como Nadine gostava de lembrar, não havia animal na Terra que um pente automático de vinte balas de caça não pudesse colocar no chão na mesma hora.

Pelo fone de ouvido, escutei o oficial Hart:

— *Não estamos captando nenhuma assinatura de calor nas imediações.*

— Entendido.

Não havia ninguém em casa, o que era melhor para a gente. Então, só precisaríamos fazer o reconhecimento do laboratório vazio e esperar os cientistas aparecerem. Era muito mais fácil enfrentá-los na rua do que dentro de um cômodo cheio de explosivos químicos e perigos biológicos.

Dei uma olhada no relógio: 2h35.

Tínhamos umas boas três horas antes do amanhecer.

Eu me virei para Nadine.

— Vamos?

Estava frio o suficiente para a minha respiração virar vapor.

Pegamos nossos trajes de proteção com camuflagem noturna na mala e nos ajudamos a vesti-los. Ambos tinham um aparelho respiratório isolante de circuito aberto e um visor especial que proporcionava uma visão mais ampla para situações de combate.

Por fim, abrimos os cilindros de ar comprimido e nos aproximamos da formação tática da SWAT.

— Visão noturna ou lanterna? — perguntou Hart.

— Lanterna — respondi.

Havia muita luz ambiente ali, e a lua cheia estava subindo. O luar logo brilharia pelas janelas vitorianas.

A cerca da parte de trás da casa era alta demais para podermos enxergar, mas passamos pelo portão e entramos no quintal sem ter que quebrar nada.

O gramado não via água ou qualquer tipo de cuidado tinha eras.

A grama batia na nossa cintura.

Observei as janelas da velha casa vitoriana. Algumas não tinham vidros, e todas estavam escuras.

Subimos na varanda de madeira desgastada que rangia sob nossos pés.

O oficial Hart se ajoelhou diante da porta dos fundos e arrombou a fechadura em dez segundos.

Seguimos os homens da SWAT para dentro da casa, em escuridão absoluta.

As lanternas dos seus fuzis de assalto iluminaram uma cozinha em obras.

Fomos para a sala de jantar. As paredes estavam sem pintura alguma; os fios de eletricidade, aparentes; e as ferramentas haviam sido espalhadas pelo chão.

— Parece que estão renovando a casa — sussurrei no canal aberto.

— *Esperem aqui* — ordenou o oficial Hart.

Nadine e eu ficamos parados no contrapiso bruto do que seria a sala de estar.

Mesmo com o traje, dava para sentir o cheiro de serragem e poliuretano no ar.

O luar atravessava as janelas que davam para a rua.

Aos poucos, meus olhos se ajustavam.

Conseguia ouvir o som dos passos duros da equipe da SWAT no andar de cima, indo de cômodo em cômodo de forma sistemática.

— Alguma coisa? — perguntei.

— *Negativo* — respondeu Hart. — *Mais do mesmo aqui em cima. Apenas escombros.*

Nadine olhou para mim.

— Acha que Soren nos enganou?

— Por que faria isso? Ele ainda está em custódia e sabe que não vai ser liberado até darmos permissão.

Notei uma porta debaixo da escada. Estava trancada por um cadeado Master Lock que só abria com uma combinação de quatro dígitos. Empurrei com força. Nem se mexeu.

— Sai da frente — falou Nadine.

Quando olhei para trás, vi que ela segurava um tijolo.

Saí do caminho, e Nadine arrebentou o cadeado.

O metal se partiu. O cadeado quebrado caiu no chão.

— Fomos nós — informei a equipe. — Acabamos de arrebentar um cadeado.

— *Estamos voltando* — disse Hart. — *Está uma cidade fantasma aqui em cima.*

Abri a porta.

As dobradiças enferrujadas rangeram.

Apontei a arma para a escuridão lá embaixo, a lanterna iluminando uma escada velha que levava ao porão.

Meu coração acelerou.

— Quer esperar pela SWAT? — perguntei.

— Não vejo nenhuma assinatura de calor. Não tem ninguém aqui — argumentou Nadine.

O primeiro degrau rangeu com o meu peso.

Ficava cada vez mais frio conforme eu descia.

Nem mesmo o filtro de ar do traje conseguia barrar o fedor de mofo e pedra molhada.

Outro oficial da SWAT falou pelo canal:

— *Primeiro andar liberado.*

Ao descer toda a escada e pisar no chão empoeirado, tive a sensação cada vez maior de que Nadine estava certa. Talvez Soren estivesse nos enganando. Só não conseguia entender por quê.

— Sabe — falou ela —, tudo que Soren nos disse foi que entregou um pacote para um cara na porta. Ele não entrou na casa.

— E daí?

— Talvez usem esse lugar como ponto de entregas.

— Faria mais sentido do que administrar um laboratório sofisticado em uma vizinhança calma como essa — comentei, me perguntando se tínhamos perdido o nosso tempo indo ali.

Claro, poderíamos manter Soren sob custódia por setenta e duas horas. Pressioná-lo mais um pouco. Mas não tínhamos nenhuma prova contra ele. Sua bagagem voltara limpa.

Com um movimento amplo, iluminei a vastidão sombria do porão.

Minha respiração embaçava os cantos do visor.

As paredes eram da fundação de pedra original da casa.

Vi uma caldeira enferrujada.

Mobília empoeirada.

E um cubo preto inusitado, com mais ou menos trinta centímetros de cada lado, dentro de uma antiga pia.

— Logan — falou Nadine, e algo em sua voz chamou a minha atenção na mesma hora.

Eu me virei na direção dela.

— Olha só — disse a minha parceira.

Direcionei a lanterna e vi uma câmera montada sobre um tripé.

Apontada para nós.

Com uma luz vermelha piscando.

— Começou a gravar agora — falei.

A equipe da SWAT estava descendo a escada naquele momento.

Iluminei o porão lentamente outra vez.

Não estava mais pensando que havíamos perdido tempo. Tinha algo de errado.

No meio do cômodo, a luz passou pelo cubo que tínhamos visto um instante antes.

Ele estava se abrindo.

— Nadine — chamei.

— Já vi.

Conforme as laterais do cubo se abriam, a lanterna iluminou uma esfera que parecia ser feita de gelo. Era mais ou menos do tamanho de uma bola de boliche, e, pela quantidade de vapor que escapava da superfície, eu suspeitava que fosse superfria ou talvez feita de algo que não H₂O.

— Tem outra aqui — avisou Nadine.

Eu me virei e vi que ela iluminava outra esfera de gelo idêntica perto da escada.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Não estou gostando nada disso...

Um zumbido me interrompeu; estava vindo da pia.

Fui naquela direção. Vi a fonte da vibração. Senti uma onda de pânico.

Ao lado da esfera de gelo, a tela de um celular acendeu, recebendo uma ligação. Dois fios saíam do aparelho, passando por um buraco no tampo, de baixo do gelo.

As esferas de gelo começaram a brilhar com uma luz azul incrustada no centro.

— Pra fora! — gritei.

A equipe da SWAT já estava no meio da escada.

Nadine disparou atrás deles.

Vi todo mundo correr para o primeiro andar, e eu estava a vários segundos de distância da escada quando o porão ficou branco.

Senti uma pressão enorme no peito.

Então eu estava caído de costas no chão, encarando o material de isolamento exposto sob o chão da casa.

O visor do meu capuz rachara, arranhado em diversos pontos, e havia pequenos fragmentos claros passando pelo plástico. Não sabia o que eram, até que uma gota d'água congelante pingou do pedaço de estilhaço e caiu no meu olho esquerdo.

Consegui erguer a pistola e iluminar o meu traje. Tinha sido rasgado e perfurado em mais lugares que eu conseguia contar.

O pânico se retorceu.

A dor surgiu.

Meus braços e minhas pernas — a superfície de pele que não estava protegida pela armadura — de repente queimaram, como se eu tivesse recebido mil ferroadas.

2

Quando respirei, uma agonia torturante apertou o meu peito.

Ouvi o meu próprio gemido.

Abri os olhos.

Eu estava em uma cama de hospital.

Em um suporte ao meu lado, um monitor de sinais vitais apitava a intervalos regulares, e uma bolsa intravenosa enfiava alguma coisa na minha veia através de uma agulha grudada com esparadrapo no meu braço esquerdo já cheio de curativos. Meu outro braço e minhas pernas estavam cobertos de gaze. Mais perturbador era a divisória de plástico opaco que cercava completamente a cama. Além dela, só era possível ver silhuetas e formas vagas. As vozes que ouvia eram distantes, abafadas.

Tentei lembrar o que havia acontecido quando estava acordado, mas, fosse pelas drogas ou pelos ferimentos, não foi fácil localizar a memória.

Eu estava caído no chão sujo do porão de uma casa vitoriana que tínhamos invadido em Denver. Uma explosão acontecera. Eu tentara me levantar, mas a dor no peito me deixara paralisado.

Então fiquei lá no escuro, me perguntando onde o restante da equipe tinha se metido.

Me perguntando se eu estava morrendo.

A dor distorceu o tempo, então eu não fazia ideia de quantos minutos haviam se passado quando enfim escutei o trovão dos passos descendo a escada até o porão. Uma equipe médica usando trajes de proteção biológica me cercara, e, notando a minha dor extrema, um deles fora misericordioso e me enchera de alguma droga maravilhosa.

Embarquei em um abençoado mar de escuridão.

Até acordar ali.

Onde quer que fosse.

— *Oi, Logan. Como está se sentindo?*

A voz vinha de um alto-falante na mesa de cabeceira. Era uma voz feminina mais grave do que o normal.

— *Dói para respirar — respondi. — Bastante.*

— *De um a dez, como você classificaria a dor?*

— *Sete. Talvez oito.*

— *À sua direita, tem uma coisa parecida com uma varinha. Tem um botão roxo nela. Aperte o botão algumas vezes, e vai sentir a morfina agindo.*

Estiquei a mão, mas parei. Já tinha tomado morfina antes — logo depois de uma batida fracassada no Inland Empire que custara a vida do meu primeiro parceiro e me deixara com um tiro na barriga. Eu amava morfina. Mas a substância me deixava tão relaxado que eu mal conseguia acompanhar a mais simples das conversas. E, naquele instante, eu precisava de respostas.

— *Onde estou? — perguntei.*

— *No Centro Médico de Denver. Meu nome é dra. Singh. Sou intensivista.*

Respirei com dor mais uma vez.

— *Estou na UTI?*

— *Correto.*

Caramba. Com os novos vírus e as mutações de doenças conhecidas constantemente circulando, leitos em UTIs estavam sempre em alta demanda e, com frequência, encontravam-se indisponíveis. Ou a APG tinha mexido os pauzinhos para me colocar ali, ou eu estava muito mal mesmo.

— *Estou morrendo?*

— *Não, seus sinais vitais estão bons.*

— *Por que o plástico?*

— *Você se lembra do que aconteceu ontem à noite?*

— *Eu estava fazendo uma batida. Algo explodiu.*

— *Um dispositivo explosivo improvisado foi detonado naquele porão. Você pode ter sido exposto a alguma coisa.*

Um medo paralisante tomou conta de mim.

— *Tipo o quê? — perguntei.*

— *Um patógeno ou uma toxina.*

— *Fui exposto ou não?*

— *Ainda não sabemos. Estamos fazendo exames. Posso adiantar que não parece que você tenha sido envenenado. Seus órgãos estão funcionando bem.*

— E as outras pessoas que estavam comigo? Minha parceira, Nadine? A equipe da SWAT?

— *Estão em quarentena aqui também, só por precaução. Mas eles não estavam no porão quando o dispositivo estourou. Os trajes deles não foram danificados.*

Eu me mexi, desconfortável, na cama.

A dor aumentava, o botão roxo parecia me chamar.

— Quais são os meus ferimentos? — questionei.

— *Duas costelas quebradas. Três costelas lesionadas. Seu pulmão esquerdo tinha entrado em colapso, mas corrigimos isso. E os seus braços e pernas estão cheios de cortes causados pelos fragmentos de gelo.*

— A explosão foi tão séria assim?

— *Você estava em um espaço apertado, então a diferença entre o ar dentro dos seus órgãos e a onda de pressão causou algum dano. Por sorte, nada que o colocasse em risco de morte. Você vai conseguir se recuperar.*

Notei que a dor tinha atingido o limite de se tornar tão distrativa quanto a morfina.

Apertei o botão roxo diversas vezes.

O alívio foi instantâneo.

Na mesma hora, me senti leve e confortável.

— *Vi que acabou de ativar o botão da morfina. Tente dormir um pouco, Logan. Darei uma olhada em você daqui a algumas horas.*

Acordei novamente.

Havia algo diferente.

Algo errado.

Ainda sentia a dor irradiando do meu peito, mas todo o restante do corpo doía também, e eu sentia um calor inacreditável. Os lençóis estavam en-sopados. O suor caía nos meus olhos, e eu não estava respirando, mas sim arfando.

O monitor de sinais vitais apitava bem rápido.

Havia alguém ao meu lado, injetando alguma coisa de uma seringa no cateter intravenoso.

— O que está acontecendo? — perguntei.

Minha voz soava confusa. As palavras saíram arrastadas.

A pessoa olhou para mim através do visor do traje de proteção biológica. Tentei ler a gravidade da situação nos seus olhos, mas não consegui.

Sua voz surgiu através de um alto-falante no visor. Parecia a da médica com quem eu conversara antes, mas eu não conseguia me lembrar do nome dela.

— Você está com uma febre bem alta, Logan. Estamos tentando baixar a sua temperatura.

— Quão alta?

— Alta demais.

Falei uma coisa que, até mesmo para mim, parecia um delírio.

O zíper da entrada da proteção de plástico foi aberto, e outro profissional de saúde usando um traje de proteção biológica entrou na minha bolha.

— Trouxe as bolsas de gelo, dra. Singh.

— Obrigada, Jessica.

Dra. Singh colocou a seringa de lado e tirou os lençóis que me cobriam. Eu tinha suado tanto que os curativos e a minha camisola hospitalar estavam completamente ensopados.

Dra. Singh levantou com cuidado a minha cabeça do travesseiro conforme Jessica colocava uma compressa fria no meu pescoço.

Tentei perguntar se estava morrendo, mas as palavras saíram confusas, em cores vibrantes. Eu conseguia vê-las deixando a minha boca, explodindo em uma série de fogos de artifício.

Transpirei e gemi em sonhos febris que iam além de tudo que já tinha vivido.

Fantásticos.

Repetitivos.

Assustadores.

Quando acordei, não estava mais com febre.

Embora meu peito ainda doesse, não era mais a dor ofuscante de antes.

Eu estava sozinho na bolha, e a voz da dra. Singh surgiu outra vez pelo alto-falante.

— *Olá, Logan. Como está se sentindo?*

— Melhor.

— *Você nos deu um susto. Chegou aos quarenta e um graus.*

— Eu não queria bater nenhum recorde.

— *Não é bom quando a febre fica tão alta assim. Nessa temperatura, danos a órgãos, convulsões e até morte se tornam uma possibilidade.*

— O que causou a febre? — perguntei.

— *Ainda estamos fazendo exames, mas não há indícios de que seja uma bactéria ou infecção. Então, agora nossa opinião é que o que você tem, seja lá o que for, provavelmente é um vírus.*

Merda.

Algum maluco com sede de vingança contra a APG tinha criado uma armadilha. Até havia gravado o momento da exposição.

Ainda mais assustador do que um vírus sintético no meu corpo era a outra razão pela qual as pessoas editavam vírus: eles eram as máquinas perfeitas para levar informação genética estranha para as células. Em outras palavras, podiam ser usados para infectar pessoas com um agente de alteração capaz de reescrever o seu DNA.

Para mim, deitado ali, em quarentena, a ideia de que um vírus poderia me contaminar com uma coisa como o Foice, um modificador de DNA capaz de reescrever o código que me fazia ser eu mesmo, era muito mais aterrorizante do que a possibilidade de um vírus comum.

— *Tem alguém querendo falar com você.*

Uma nova voz surgiu pelo alto-falante.

— *Logan?*

Abri um sorriso tão grande que senti o canto da minha boca rachar.

— Beth?

— *Estou bem aqui, na sala ao lado.*

Parecia que ela estava chorando.

Comecei a chorar também.

Foi a familiaridade da voz dela — aquela mulher que me amava, apesar de tudo — e o pensamento de que eu poderia perdê-la tão rápido quanto o estalo de uma bomba caseira.

— Quando você chegou em Denver? — perguntei.

— *Ontem. Ava e eu pegamos o loop para cá assim que nos disseram o que tinha acontecido.*

— Ava está aqui?

— *Oi, pai.*

— Ah, meu Deus, oi, filha. É tão bom ouvir a sua voz.

— *É bom ouvir a sua também.*

— O que falaram para vocês?

— *Não muito. Edwin disse que você tinha entrado em um laboratório que explodiu. E os médicos falaram que você pode ter sido exposto a alguma coisa na explosão e que, por isso, está em quarentena.*

— Sinto muito pelo nosso fim de semana. A gente deveria estar em Shenandoah agora.

— *Nós vamos assim que você sair daqui* — respondeu Ava.

— Você está indo bem na escola, querida?

— *Estou.*

— Não quero que fique para trás de novo. Eu quase ter explodido não é desculpa.

— *Acho que é uma ótima desculpa. Mas trouxe o meu laptop. Estava fazendo os deveres na sala de espera.*

— Ok — interrompeu Beth —, *estão dizendo que temos que deixar você descansar agora.*

— Você e Ava vão ficar por perto?

— *Não vamos a lugar algum.*

Naquela noite, minha febre voltou.

Tentei dormir, mas tive sonhos loucos. Alucinava sem parar que estava dentro do meu corpo, observando o vírus invadir as minhas células. Então, eu me *transformava* no vírus, dissolvendo a mim mesmo e aos meus códigos genéticos através das membranas celulares e sequestrando os seus sistemas para produzir mais de mim. Mais partículas virais.

De novo e de novo e...

Cheguei em um ponto delirante e ensandecido da minha consciência.

Enfermeiras em trajes de proteção biológica colocavam bolsas térmicas frias no meu pescoço e gelo sobre o meu peito.

Eu gemia.

Murmurava coisas sem sentido.

— Eu sou o vírus — falei. — Eu sou o vírus.

A resposta da dra. Singh foi:

— Injeção de seiscentos miligramas de interferon.

Encarei o protetor facial da médica.

— Sinto ele nas minhas células.

Dra. Singh me ignorou e olhou para as outras enfermeiras.

— Mais gelo. Rápido.

Começou a chover dentro do meu reino de plástico, mas não era como nenhuma chuva que eu já tinha visto.

As gotas caíam como letras brilhantes...

```

A
G   A
C   G   A
T   C   G   A
      T   C   G   A
          T   C   G   A
              T   C   G   A
                  T   C   G   A
                      T   C   G   A
                          T   C   G   A
                              T   C   G   A
                                  T   C   G   A
                                      T   C   G   A
                                          T   C   G   A
                                              T   C   G   A
                                                  T   C   G   A

```

... adenina, guanina, citosina e timina: as quatro bases nitrogenadas que formavam o ácido desoxirribonucleico.

DNA.

O ar estava cheio de nucleobases.

Elas explodiam para todos os lados.

Formavam vórtices rodopiantes.

Escorriam pelas paredes de plástico.

Permutações misteriosas e infinitas do diagrama de toda a vida na Terra.

Eu conseguia sentir as letras respingando no meu rosto.

Eu as *inalei*.

Uma torrente de biocódigo que não parava de se transformar, de sofrer mutações.

Minha cabeça fervia, e pensei que, se ao menos eu conseguisse decifrar o código, poderia entender o que o vírus estava fazendo comigo.

Quando acordei, havia uma pessoa usando um traje de proteção biológica sentada ao meu lado. Não sentia mais dor nas costelas, e a febre tinha passado, mas eu estava exausto.

A pessoa se virou para mim.

Olhei de volta e vi o rosto do meu chefe, o diretor da Agência de Proteção Genética, Edwin Rogers. Fiquei feliz em vê-lo. Eu me candidatei para uma vaga na APG assim que saí da prisão. Não achei que fossem me levar a sério, mas o próprio Edwin Rogers conduziu a entrevista e me contratou na mesma hora, apesar dos meus diversos antecedentes criminais e da falta de experiência em trabalhar com a lei. Por causa daquilo, ele sempre poderia contar com a minha lealdade.

— Olha só quem acordou — disse Edwin.

— Oi — falei, fraco. — Como Nadine está?

— Em quarentena ainda, mas sem sintomas. Ela deve ser liberada em um ou dois dias. Infelizmente, você recebeu o maior impacto da coisa.

— E sabemos o que essa “coisa” pode ser?

Edwin pigarreou.

— Tenho certeza de que já percebeu, mas você caiu em uma armadilha. Ainda estamos com Henrik Soren. Vamos acusá-lo de tentativa de assassinato.

— O que Soren está alegando? — perguntei.

— Que não sabe de nada. Ele jura que fez uma entrega para um homem naquela casa na manhã de quinta-feira.

— Nenhum nome?

— Ele nos deu uma descrição física genérica e um nome de usuário na dark web, que, como você sabe, é...

— Inútil. — Eu me ajeitei para me sentar, as costelas gritando. Edwin arrumou os travesseiros às minhas costas. — Você viu o porão?

— Vi. Encontramos vestígios de duas bombas de gelo. Com certeza a bomba caseira mais estranha que já vi.

— O gelo era feito de H_2O ou...?

— De H_2O , no formato de esferas absurdamente duras. A explosão transformou o gelo em farpas. Foram elas que perfuraram o seu traje. E a sua pele.

— Vocês conseguiram coletar um pouco da água derretida ou dos fragmentos de gelo?

— Sim. E terminamos de sequenciar uma amostra. As esferas de gelo tinham um vírus em suspensão superfria.

De repente eu me vi completamente desperto.

— É bem engenhoso, na verdade — continuou ele. — Os estilhaços entram no seu corpo através de cortes superficiais e derretem sem criar danos físicos duradouros.

— Meu Deus.

Ele repousou a mão enluvada no meu ombro.

— Antes de entrar em pânico, não é nenhum vírus da família *Filoviridae*, que provavelmente está nos seus pesadelos. Não é ebola nem marburg. Sabemos que não é varíola. Na verdade, ele tem características da família *Orthomyxoviridae*.

— Influenza?

— Sim.

— Sintética?

— É o que achamos.

Então fiz a pergunta que quase não queria que fosse respondida:

— Ele tinha um complexo do Foice codificado?

Ele assentiu.

Merda. Eu havia sido infectado não apenas por um vírus de origem desconhecida, mas por uma carga contendo o sistema de edição de genomas mais poderoso já criado. Eu tinha quase certeza de que ele havia sido sintetizado não para me deixar doente, mas para infectar algumas ou todas as células do meu corpo, possivelmente editando e reescrevendo partes do meu DNA.

— Vocês sabem quais genes e vias de sinalização eram os alvos? — perguntei.

— Ainda não, mas estamos fazendo um exame e uma análise completa de uma amostra dos seus leucócitos.

Tentei conter a onda de medo, mas não consegui. Aquilo simplesmente acabou comigo. Era a pior notícia possível, embora não fosse lá uma surpresa. Eu ficara caído no chão imundo de um porão enquanto o gelo derretia dentro de mim. No entanto, a realidade da minha situação se tornara mais sólida do que antes.

Edwin esticou a mão e deu tapinhas no meu ombro.

— Queria que escutasse isso de mim — disse ele. — Vamos encontrar a pessoa que fez isso e acabar com a vida dela. Concentre-se apenas em melhorar.

— Vou tentar, senhor.

A intenção dele era me confortar, mas encontrar o culpado não me ajudaria em nada se aquelas mudanças no DNA fossem letais. Um sistema Foice poderia destruir completamente o meu genoma.

Se o código genômico de alguém fosse escrito em um livro de tamanho normal, esse livro consistiria em um tomo de vinte andares com três bilhões de permutações com as letras *A*, *C*, *G* e *T*, que representavam as quatro nucleobases — adenina, citosina, guanina e timina. As combinações específicas dessas quatro nucleobases criavam o código de toda a vida biológica no planeta. Esse código se chamava genótipo, e a maneira como ele se apresentava fisicamente em um ser vivo (como a cor dos olhos, por exemplo), combinada às suas interações com o ambiente, era chamada de fenótipo. Mas a correlação entre genótipo e fenótipo — qual código de DNA programa qual traço — ainda era algo que não entendíamos.

Edwin se levantou da cadeira. Então caminhou até a porta, abriu o zíper da entrada e foi para o outro lado.

Ao observá-lo me fechando em meu universo cercado por plástico, me senti muito sozinho.

Aquilo me lembrou do meu tempo na prisão e da sensação esmagadora de que outras pessoas podiam ir e vir.

Mas eu estava lá.

Aprisionado com o meu genoma em mutação.

Eles me colocaram em tratamento contínuo com interferon gama e um conjunto de novos antivirais.

Tive outra febre na noite seguinte, e então comecei a melhorar rapidamente. Minha energia retornou. Meu apetite também. Comecei a dormir a noite inteira.

Em três dias, meus curativos tinham sido retirados, e as feridas formadas pelo gelo haviam desaparecido.

Minhas costelas ainda doíam, mas eu estava desesperado para sair da cama e caminhar um pouco — mesmo que fosse de um lado para o outro no corredor da UTI.

Eu estava louco por um banheiro de verdade em vez do penico humilhante. Mas não me deixaram sair da minha bolha.

Como não sabiam quase nada sobre a variante hackeada de influenza com que fui infectado, dra. Singh não queria correr nenhum risco. Embora estivesse assintomático, eu ainda disseminava o vírus, o que significava que poderia contaminar os outros.

E assim passei os dias assistindo a filmes no meu tablet e tentando me concentrar o suficiente para ler. Porém, na maior parte do tempo, ficava obcecado, pensando no que o Foice estava fazendo comigo.

No começo, o hospital não deixara minha esposa e minha filha me visitarem, mesmo com trajes de proteção. Porém, depois de uma semana na cama, insisti em receber permissão para vê-las.

Minha filha de catorze anos atravessou a passagem de plástico, usando um traje de proteção que a engolia. Ela estava carregando uma bolsa de tecido pendurada no ombro.

Ri quando a vi — minha primeira risada de verdade desde que tinha entrado na UTI, cinco dias antes. Mas, com as minhas costelas rachadas e quebradas, a alegria se transformou em dor na mesma hora.

— Oi, pai — disse Ava, a voz saindo do alto-falante acoplado.

Então, ela se inclinou por cima da cama e me deu o melhor abraço desconfortável que já recebi, sua proteção facial pressionando o meu rosto. Mesmo que fosse com uma barreira de luvas de látex e um macacão Tyvek, o toque de alguém que eu amava e que me amava também me levou às lágrimas novamente.

— Tudo bem, pai?

— Tudo bem — respondi, enxugando as lágrimas.

Ela puxou a cadeira e tirou um tabuleiro de xadrez da bolsa que trouxera consigo.

— Quer jogar?

— Nossa, sim. Estou cansado de olhar para telas.

Eu me sentei, gemendo enquanto tentava ajeitar os travesseiros atrás de mim. Ava abriu o tabuleiro, colocou-o em cima da cama e começou a arrumar as peças.

Fiquei emocionado por ela ter colocado o traje para passar um tempo comigo na minha bolha. Um traje de proteção biológica podia ser uma experiência claustrofóbica para quem não estava acostumado a usá-lo. Eram quentes e pesados, e o rosto sempre começava a coçar assim que se entrava na área de quarentena. E, claro, acima de todas essas inconveniências estava a ameaça muito real de violação do traje.

Ela esticou as duas mãos fechadas, e eu toquei na direita. Ava a abriu, revelando um peão branco.

O primeiro movimento era meu.

Eu tinha ensinado xadrez para a minha filha quando ela tinha cinco anos. Ela aprendeu rápido e logo desenvolveu uma compreensão inata não apenas do movimento das peças, mas da necessidade de uma estratégia mais elaborada para vencer.

Tentávamos jogar uma partida todo dia, quase sempre sentados à mesa de ferro no quintal ou, se o tempo estivesse ruim, em frente à lareira, com o tabuleiro bem perto do fogo.

Aos dez anos, ela havia se tornado uma jogadora formidável.

Aos doze, estávamos em pé de igualdade.

Aos treze, ela superou o meu nível com um excelente repertório de aberturas e finalizações fortes. Só conseguia vencê-la quando não cometia nenhum erro, e ela cometia ao menos um. Mas essa combinação era rara.

Às vezes eu me perguntava se Ava tinha sido abençoada com o intelecto da minha mãe.

Fiz a abertura.

— Pai? — disse ela, movimentando a sua peça: cavalo na F6. — Quinhentos e sessenta e um. Só queria que você lembrasse.

Revirei os olhos.

Ela sorria por trás da proteção facial.

Ava estava se referindo a quinhentos e sessenta e um *dias*.

Minha filha estava me lembrando a última vez que eu tinha feito um xeque-mate contra ela.

• • •

Jogamos todos os dias na semana seguinte.

Ela ganhou todas as partidas, e eu não cheguei nem perto de uma vitória.

Beth também me visitava, sempre usando o traje. Longe da rotina e das distrações cotidianas da vida em Virgínia, conversávamos mais do que tínhamos feito em anos.

Certa tarde, ela olhou para mim através da proteção facial e pegou a minha mão, a nossa pele separada por uma camada de látex.

— Quando vai ser o suficiente? — perguntou ela.

Ela estava se referindo ao meu emprego. Era uma briga frequente.

— Não sei.

— Você já foi baleado. Agora pode acrescentar “quase explodido” ao placar.

— Não existe um placar.

— Claro que existe — disse ela. — Olhe para mim, por favor. Se eu achasse que você ama esse trabalho, não diria nada, mesmo sabendo dos perigos que corre. Mas sei que você não ama. Não tem a ver com você. É motivado por obrigação e culpa, e pode ser que fizesse sentido no início, mas já faz quinze anos que foi perdoado. Talvez seja hora de perdoar a si mesmo e se dedicar a algo que ame de verdade.

O que eu amava de verdade, o que queria fazer de verdade — o que *sempre* quis fazer — era ser geneticista. Compreender e usar o poder do código-fonte da vida para transformar o mundo em um lugar melhor. Aquilo era resultado de ter crescido com minha mãe. Ela era um colosso, e a sua influência me deixou com ambições exageradas.

Mas eu não vivia em um mundo em que meus sonhos eram possíveis.

E a parte mais difícil — a que corroía as minhas entranhas aos poucos desde que me tornara adulto — era que, mesmo que fosse possível, eu não tinha uma gota da inteligência de um Anthony Romero ou uma Miriam Ramsay.

Eu tinha sonhos extraordinários, mas uma mente ordinária.

Exatamente duas semanas depois de ter dado entrada na UTI do Centro Médico de Denver, a porta da minha bolha foi aberta, e dra. Singh entrou

com um grande sorriso no rosto e um cabelo escuro e cheio que passava dos ombros.

— Você tem cabelo — comentei.

— Tenho. Bastante.

— Cadê o seu traje?

— Não preciso dele.

Ela se aproximou e se sentou na cadeira ao lado da minha cama. Era um pouco mais jovem do que eu teria imaginado, a julgar pela rouquidão da sua voz.

— Nós estamos confiantes de que o vírus, qualquer que seja, completou o seu ciclo. Você ainda vai sentir dor por mais ou menos um mês, mas estamos o expulsando daqui. Ah, e tem alguém no telefone que quer conversar com você. — Ela tirou o celular do bolso e colocou no viva-voz. — Diretor Rogers? Logan está na linha.

— *Logan, está me ouvindo?*

— Sim, senhor.

— *Sua médica acabou de me dar as boas notícias, e também tenho novidades para compartilhar. Sua análise de DNA chegou hoje. Está tudo bem.*

— Não houve mudanças no meu genoma? — perguntei.

— *Nenhuma que conseguimos notar.*

Eu me esforcei para não chorar.

— Obrigado, senhor. Muito obrigado.

— *Vejo você de volta em Washington.*

Assim que dra. Singh finalizou a chamada, Beth e Ava entraram pela abertura no plástico e correram até minha cama. Ambas subiram no colchão estreito e me deram um abraço, me espremendo no meio.

— Cuidado com as costelas — grunhi.

Estávamos rindo e chorando. Eu sentira falta das sensações mais simples. O cheiro delas. O tom de voz natural, sem ser filtrado pelo protetor facial do traje. A sensação da pele delas em vez de látex.

Após catorze dias em quarentena, era como um convite para retornar à minha vida.

Para voltar para casa.

No meio da madrugada, o agente Logan Ramsay entra em um laboratório clandestino à procura de provas de um crime, sem fazer ideia de que sua vida está prestes a mudar. Um som estranho. Uma explosão. Então, silêncio. Logan acorda em um leito de hospital, sendo atendido por profissionais usando trajes de proteção biológica, enquanto sua esposa e filha o observam através de uma barreira de vidro.

Os médicos informam que ele foi infectado por um vírus capaz de modificar sua estrutura genética, embora os exames não tenham detectado nada. Depois que a febre e a dor passam, Logan começa a enxergar o mundo com mais clareza. Ele está mais forte, mais inteligente, mais rápido, e suas habilidades parecem aumentar a cada dia.

Algo revolucionário está em curso. Algo capaz de mudar a própria definição de humanidade e trazer consequências devastadoras caso caia nas mãos erradas.

Logan é a única pessoa no mundo que pode deter a catástrofe iminente e impedir a morte de milhões de pessoas, ainda que, para vencer a guerra, ele tenha que confrontar seu passado sombrio, desafiar o governo e se transformar em algo que jamais imaginou.

Uma trama intimista com proporções épicas, *Upgrade* explora as implicações éticas e sociais da tecnologia, ao mesmo tempo que questiona os limites da humanidade e nosso infinito potencial.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/upgrade/>